

# OXÍMORO POÉTICO-EXISTENCIAL

Prof. Ir. Elvo Clemente

Pontifícia Universidade Católica do RS

Maria Carpi, prêmio **Revelação Poesia** (1990), da Associação Paulista dos Críticos, e prêmio **Érico Veríssimo**, da Câmara de Vereadores de Porto Alegre (1991), lançou com sucesso novo manancial de poemas - **EVIDÊNCIA E ACASO**, pela Ed. Movimento, 1992. O livro **DESIDERIUM DESIDERAVI** abriu as cortinas misteriosas e longamente cerradas, do seu ser-pessoa. Revelação e escondimento. Luz e sombra. "Chiaro Oscuro" da linguagem da pintura, não quis mostrar uma luta de princípios inimigos, mas pelo contrário uma acomodação do olhar; o objeto mergulhado na sombra do quadro parece emergir sob o raio de uma secreta luz à medida em que a vista se acostuma às trevas. Assim aparece o oxímoro - espécie de antítese em que se aproximam dois vocábulos contraditórios, um parecendo excluir o outro. Horácio, na Epístola aos Pisões dá um exemplo de quando fala em termos satíricos de uma "discordante harmonia" (*Symphonia discors, ad Pisones*, v. 374, conforme o Dictionnaire de POÉTIQUE et de Rhétorique, de Henri Morier p. 828 e segs.).

**VIDÊNCIA E ACASO** transpõe a contradição existente no ser-pessoa para o ser-expressão-verbal. A contradição está presente em todos os momentos da existência e em todos os versos. Os poemas de Maria Carpi jogam como claro e escuro, com a verdade e a mentira, com o ser que se quer não ser. O contraditório, o encontro do acaso com a vidência, o invisível expresso no dito, está manifestado nos seis dísticos do poema nº 9, que citamos:

O acaso não vai lograr  
mais do que eu demorei  
frente à vidência, como  
a água em sua amurada  
onde a árvore se debruça  
para ouvir as gaivotas  
degustaram as ondas do  
rosto. (P. 19)

Aí se encontram os três elementos básicos da poesia de Maria Carpi: a evidência, o acaso e a árvore. Este último já celebrado no **Desiderium desideravi**: A árvore aparece como o ponto mais alto, o encontro dos contrários que fazem a VIDA.

O jogo entre a evidência e o acaso está em todos os versos, explícito nos dísticos iniciais do poema nº 11:

Entrar na morte é acaso.  
Dela sair, sem perdê-la

é destino de vidência. (p. 21).

Como sentir a poesia quando a expressão verbal se contradiz, na Antilogia, em que a razão nada percebe? Em que o oxímoro na etimologia se traduz naquilo que é: OXIS - pontuado, picante, inteligente e MORÓS, embotado, bobo, estúpido.

A existência para a poetisa se apresenta como oxímoro vital: contradição entre o bem e o mal que está no coração. Querer o bem, o belo, a vidência; fazer o mal, o feio, o acaso ... Sentir dentro de si a voz do anjo e a voz da fera, no dizer do santo Cura d'Arts, ora uma sobrepõe-se à outra; ora agir com tudo premeditado: a pre-vidência: ora acontecendo sob o signo do inesperado: o acaso. Tudo em busca do destino, na pro-vidência da ÁRVORE surge às margens dos rios de lágrimas após o desterro do Paraíso.

Os 85 poemas cujo título é o primeiro verso, mostram o percurso da existência em oxímoro e contradições até o domínio da VIDÊNCIA da LUZ que é VIDA, que é Ressurreição, após o sacrifício cruento do mártir do Calvário na Arvore, "spes unica" da vida.

O poema 57 discute, apresenta a dialética entre um e outro elemento na presença do terceiro elemento conciliador:

"No acaso, eu encontro a palavra.  
Na vidência, a palavra quer meu  
corpo para proferir-me. No acaso

eu declaro a árvore. Na vidência,  
escuto-a dizer-me: Não vingas  
jogares um grão de minha espécie

No coração de um sulco. Terás  
de ser-me a terra do grão em ti  
enterrado. Sem a visão do fruto" (p. 67)

A expressão incompleta nos versos truncados, ao sabor do ritmo interior contradizendo o ritmo da fala, socorrendo-se, às vezes, do encadeamento que dificulta a leitura, que altera ou tumultua o faz-que-diz e não-diz ...

É o jogo da incompletude na vidência truncada para acaso em busca da árvore.

No sítio de ervas  
do acaso, os olhos  
suscitam a árvore.

Na árvore solitária  
a boca suscita o fruto. (p. 68)

A antilogia é evidente, abre-se em horizontes, não se esbarra contra um muro intransponível, é claridade entre as trevas do ser e do não-ser.

O poema 59 traz outro lance, contraditório mas luminoso, conciliador:

Ao acaso, arranco  
as frutas das árvores.

Na vidência, a Árvore  
arranca-me do repouso (p. 69).

A poesia traz o brilho da imagem, a luz e a sombra dos crepúsculos, principalmente quando penetra no íntimo do ser-pessoa:

Eu sou filha do interior (p. 60)

Os acasos fizeram-me  
isolada, fragmentada (p. 62)

Anseia por revelar-se, por descobrir as maravilhas do seu mundo profundo de intimidade, no jogo belo e esplêndido das imagens:

\_\_\_\_ Como  
eu gostava de ficar ao pé  
de uma pedrinha, como se  
ela, minúscula, contivesse  
a Via Láctea. Ao redor de  
uma pedrinha, à deriva das  
ondas estelares da Vidência. (p. 63)

Tudo é contraditório, tudo se faz sob ritmo interior e misterioso da luta em busca da unidade. Realidade e sonho: duelo de atitudes, duelo do amor e do desamor, no trocadilho de palavras e imagens:

A paixão de meu sonho  
em abrir os olhos ao real.  
O sonho da minha paixão  
em nunca adormecer de  
estar acordada em sonhos (p. 65)

O oxímoro percorre todos os poemas com a força de estilo, na sequência dos versos ora interrompidos ora deslizantes, ora suaves ora ásperos, mas sempre luminosos nas imagens do "chiaro oscuro" na revelação do irreal-vel.

\_\_\_\_ No acaso  
estamos separados.  
na vidência, um é do  
outro a respiração, num  
só corpo de duas almas. (p. 73)

A simbiose não acontece, não acontece a espera da união, na síntese pretendida nos limites do amor humano "num só corpo de duas almas" ...

O último poema procura estabelecer a união dos contrários no apagamento da vidência, no término de tantos acasos em busca da vida, da Árvore da vida.

O poema 85 pretende coroar o longo e desmesurado esforço de vencer a contradição dos acasos do coração humano sedento de amor e incansável na busca de águas que jamais lhe saciam o fogo abrasador:

Os acasos não viam  
o que ela via. Os acasos,  
cujas setas a flechavam  
Viam-lhe o corpo  
mas não o corpo  
que a amparava.

Viam-lhe os olhos  
vendados, mas não  
os olhos que, depostos,  
a chamavam e a dor  
esposada era-lhe a paixão  
de já estar, e ir-se,

em Vidência esvaindo  
invadindo a Vida (p. 95)

A Vidência e o Acaso vão criando novos oxímoros existenciais, na contradição da vida enquanto não se encontrar com a verdadeira VIDÊNCIA por gesto da pro-vidência, sem acaso Aquele que é - o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA.